

PERCEPÇÃO DOS INTEGRANTES DE UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE DA ZONA RURAL DE PELOTAS SOBRE DOENÇAS TRANSMITIDAS POR ALIMENTOS

BIANCA CONRAD BOHM¹; CHRISTIELI PRESTES OSMARI²; ROBERTA SILVA DA SILVEIRA MOTA²; FÁBIO RAPHAEL PASCOTI BRUHN³; LENISE MACHADO ALVES³; FERNANDA DE REZENDE PINTO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – biankabohm@hotmail.com

²Secretaria Municipal de Saúde – ch.prestes@gmail.com; robertassmota@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – fabio_rpb@yahoo.com; lenise_medvet@outlook.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – f_rezendevet@yahoo.com

1. APRESENTAÇÃO

O Agente Comunitário de Saúde (ACS) atua como membro da equipe de saúde. A capacitação desses profissionais para atuarem como multiplicadores de informações sobre zoonoses e saúde ambiental na área rural contribuem para a melhoria da saúde da população e estímulo às notificações dos agravos pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS). O projeto intitulado “Capacitação sobre zoonoses para integrantes de Equipes Estratégia Saúde da Família que atuam em Unidades Básicas de Saúde da zona rural do município de Pelotas, Rio Grande do Sul” tem como objetivo capacitar os integrantes da equipe Estratégia Saúde da Família (ESF) em doze UBS na área rural de Pelotas, RS, sobre temas de abrangência da experiência da Medicina Veterinária, como saneamento rural, saneamento de alimentos e zoonoses.

A temática principal é saúde e educação. A interdisciplinaridade ocorre na troca de informação entre Médico Veterinário, Médicos, Enfermeiros, Assistentes Sociais, Dentistas e demais integrantes da ESF, pois durante a realização da capacitação ocorre a troca de conhecimentos e experiência de vivência e situações do cotidiano. O público-alvo são os integrantes da ESF, com especial atenção aos indivíduos que atuam como ACS, a fim de orientá-los, motivá-los e capacitá-los como peça fundamental para a multiplicação dos conhecimentos adquiridos nas palestras da capacitação.

Antes da realização da capacitação é solicitado ao público-alvo para responder a um questionário semiestruturado para avaliar o conhecimento prévio do assunto que será abordado, e neste momento o palestrante já observa as principais dúvidas que os participantes têm e desta forma procurar responder de forma simplificada à essas questões durante a palestra, visto que o principal objetivo é que estes profissionais levem a informação à comunidade atendida.

Durante a realização das capacitações o médico veterinário residente conheceu a realidade das equipes de ESF na área rural, deparou-se com os desafios e necessidades dessa equipe referente à atividade de educação em saúde e aprendeu a ter desenvoltura ao lidar com o público e compartilhou dos relatos de experiência dos profissionais que atuam nessa atividade.

A expectativa do projeto é que as informações abordadas nas palestras sejam multiplicadas na comunidade, para isto, foi disponibilizado material educativo informativo para que os ACS repassar levem os conhecimentos adquiridos aos seus pacientes e desta forma mais pessoas tenham acesso as formas de prevenção de zoonoses, cuidados com a água, doenças transmitidas por alimentos, entre outros. Sabe-se que a população é carente de informação, e com base nas informações obtidas pelos questionários preenchidos pela equipe

da ESF praticante da capacitação será possível desenvolver campanhas educativas mais pontuais, envolver toda a comunidade atendida.

Um dos temas abordados na capacitação foi a questão das doenças transmitidas pelos alimentos (DTA). Sabe-se que as DTA ocorrem em muitas partes do Brasil, inclusive em áreas rurais, e muitas delas são relacionadas ao consumo de produtos de origem animal, como leite, carnes, ovos e mel e seus derivados e consideradas zoonoses. Dessa forma, a capacitação sobre esse tema se faz necessária e pode ser realizada pelo profissional da área de medicina Veterinária.

Sendo assim, o objetivo do trabalho foi avaliar a percepção dos trabalhadores da área da saúde da equipe de ESF de UBS na área rural de Pelotas, RS sobre doenças transmitidas por alimentos.

2. DESENVOLVIMENTO

O presente trabalho foi realizado em parceria com o setor de Vigilância Ambiental da Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas em dez UBS da zona rural de Pelotas, RS, no mês de outubro de 2016.

Em cada UBS foi agendada uma palestra de capacitação no dia já utilizado pela equipe do local para as reuniões internas, facilitando a adesão à capacitação.

O presente trabalho foi desenvolvido em parceria com o setor de Vigilância Ambiental da Secretaria Municipal de Pelotas. As capacitações aconteceram em dez UBS nos meses de março e abril de 2017, dia das reuniões de equipe da UBS.

Em cada UBS foi realizada uma palestra sobre o tema Doenças Transmitidas por Alimentos. Para auxiliar, foi utilizado um aparelho de projeção multimídia e computador e o tempo de duração da palestra era de 40 a 50 minutos.

Antes do início da capacitação foi aplicado um questionário para os profissionais presentes, contendo questões relacionadas à DTA para avaliar o conhecimento prévio sobre o assunto. O projeto teve a aprovação do Comitê de Ética Humana (CAAE 64157516.5.0000.5317) para a coleta de informações pessoais e os participantes assinaram um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido.

3. RESULTADOS

Durante as capacitações sobre o tema DTA, 83 questionários foram respondidos, e destes 40 eram por agentes comunitários de saúde, nove por enfermeiros, oito por auxiliares de enfermagem, quatro por médicos, cinco por dentistas, quatro por auxiliares de saúde bucal, um por técnico em enfermagem, dois por assistentes sociais e nove por outros profissionais da UBS, tais como recepcionista, higienizadora, entre outros. Dos participantes, a maioria era do sexo feminino com 85,5% (71/83) e 14,4% (12/83) do sexo masculino. A idade dos participantes variou de 21 a 70 anos. O nível de escolaridade da maior parte dos participantes era nível médio com 51,8% (43/83) dos participantes, seguido de pós-graduação com 24,1% (20/83), graduação com 15,7% (13/83) e ensino fundamental com 8,4% (7/83). Foi questionado se eles já haviam recebido alguma capacitação sobre o assunto, e 79,5% (66/83) respondeu nunca ter sido

capacitado sobre o tema DTA e apenas 20,5% (17/83) haviam participado de alguma capacitação semelhante.

Quando questionado sobre o hábito de comprar leite direto do produtor, 33,7% (28/83) responderam que fazem essa prática e 79,5% (55/83) não adquirem leite direto do produtor. VIDAL-MARTINS et al. (2013) realizaram um estudo na cidade de São Paulo e relataram que 31,18% dos entrevistados preferiam comprar leite direto do produtor pois afirmavam ser mais confiável e saudável e não conter tantos conservantes que o leite industrializado.

No presente trabalho, foi questionado aos profissionais que consomem leite de produtor se eles costumam fervê-lo antes da ingestão, e a maioria deles, 96,4% (27/28) respondeu positivamente e apenas uma pessoa (3,6%) respondeu que costuma ferver às vezes. Foi questionado se as pessoas associavam o consumo de leite com transmissão de doenças, e 80,7% (67/83) responderam que sim, mas 19,3% (16/83) responderam não associar o leite à transmissão de doenças. A falta de conhecimento sobre doenças transmitidas pelo leite nesse trabalho assemelha-se ao descrito por VIDAL-MARTINS et al. (2013), onde ao interrogar consumidores de leite sobre a transmissão de doenças, 65,96% responderam não saber ou negam que o leite pode transmitir doenças.

Ainda no questionário, foi perguntado se a doença tuberculose poderia ser transmitida pelos animais e 61,4% (51/83) responderam afirmativamente, mas 38,6% (32/83) negaram ou responderam não saber. Este dado mostra que o percentual dos profissionais das UBS que desconhecem este tipo de transmissão da tuberculose é considerado elevado, fato preocupante, sabendo-se que o *Mycobacterium bovis*, principal agente causador da tuberculose bovina, pode ser eliminado através do leite, e transmitido quando não se realiza tratamento térmico do leite e seus derivados (ROCHA, 2013).

Da totalidade dos questionários, 63,9% (53/83) responderam que não costumam comprar carne direto de produtor e 36,1% (20/83) respondeu que compra às vezes ou sempre. Sabe-se que é arriscado consumir este tipo de alimento comprado direto do produtor, pois o alimento não foi inspecionado e o risco de transmissão de doenças tais como tuberculose, teniose entre outras.

Sobre a prática de abater animais para consumo humano em casa, 56,6% (47/83) respondeu negativamente à questão, enquanto que 43,4% (36/83) afirmou que realiza a prática. Também foi perguntado sobre o hábito de fornecer vísceras cruas aos animais domésticos como cães e gatos, e 75,9% (63/83) respondeu não ter o hábito e 24,1% (20/83) responderam que costumam realizar essa prática. Este resultado indica que existe um elevado percentual de profissionais da área da saúde que desconhecem a Hidatidose, doença zoonótica que ainda ocorre nos dias atuais pelo fato dos cães terem acesso a vísceras cruas de animais que possuem o parasita. O ciclo de vida do parasita é mantido pela liberação de ovos infectantes no meio ambiente pelo hospedeiro definitivo (cão ou outro canídeo) e a ingestão destes ovos pelo ovino ou outro hospedeiro intermediário. O ciclo se completa quando os cães ingerem vísceras contendo protoescoleces, os seres humanos também são suscetíveis à infecção por ingestão de ovos. A equinococose cística humana é considerada uma das doenças zoonóticas mais importantes a nível mundial (RODRIGUES et al., 2016).

As pessoas foram questionadas se o consumo de mel poderia causar problemas a crianças menores de dois anos e 39,8% (33/83) responderam positivamente, 30,1% (25/83) responderam que o mel não causa problema e 30,1% (25/83) não souberam responder. Ainda, foi perguntado se as pessoas relacionavam o consumo de mel a alguma doença e 50,6% (42/83) responderam não relacionar, 42,2% (35/83) responderam sim e 7,2% (6/83) não souberam

responder. O mel é amplamente utilizado como remédio, porém é um alimento que frequentemente está contaminado com esporos do *Clostridium botulinum* e devido a esta contaminação, o Centers for Disease Control and Prevention tem alertado para que pais e familiares não forneçam mel para crianças menores de dois anos (PAULINO et. al. 2009), a fim de evitar o risco de desenvolvimento do botulismo infantil.

4. AVALIAÇÃO

Diante do exposto concluiu-se que os profissionais de saúde das UBS da zona rural de Pelotas possuem alguma instrução a cerca de DTA, porém ainda faltam informações em relação a estes agravos. Dessa forma é importante realizar campanhas educativas e palestras de capacitação a esses profissionais com a finalidade sensibilizar e orientar sobre a gravidade e formas de transmissão e prevenção das DTA, facilitando a difusão do correto conhecimento, por parte deles, aos demais membros da comunidade atendida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VIDAL-MARTINS, A. M. C.; BURGER, K. P.; GONÇALVES, A. C. S.; GRISÓLIO, A. P. R.; AGUILAR, C. E. G.; ROSSI, G. A. M.; Avaliação Do Consumo De Leite E Produtos Lácteos Informais E Do Conhecimento Da População Sobre Os Seus Agravos À Saúde Pública, Em Um Município Do Estado De São Paulo, Brasil. **Boletim de Indústria Animal**. n.3, p.221-227, 2013.

ROCHA, B. B; **OCORRÊNCIA DE *Mycobacterium bovis* EM QUEIJOS COALHO ARTESANAIS E FATORES ASSOCIADOS AO CONSUMO DE LEITE E DERIVADOS LÁCTEOS INFORMAIS**. 2013. Dissertação 141f. Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária da Universidade Federal de Viçosa.

RODRIGUES, D. S. DE A; ALENCAR, D. F; MEDEIROS, B. L. DO N. Aspectos Epidemiológicos, Clínicos E Patológicos Da Hidatidose. **Revista Pubvet**. V.10 n.1 p. 87-90, 2016.

PAULINO, R. de S.; MARCUCCI, M. C.; Análises Físico Químicas De Méis Do Ceará. **Revista de Pesquisa Inovação Farmacêutica**. V.1 n.1 p. 63-78, 2009.